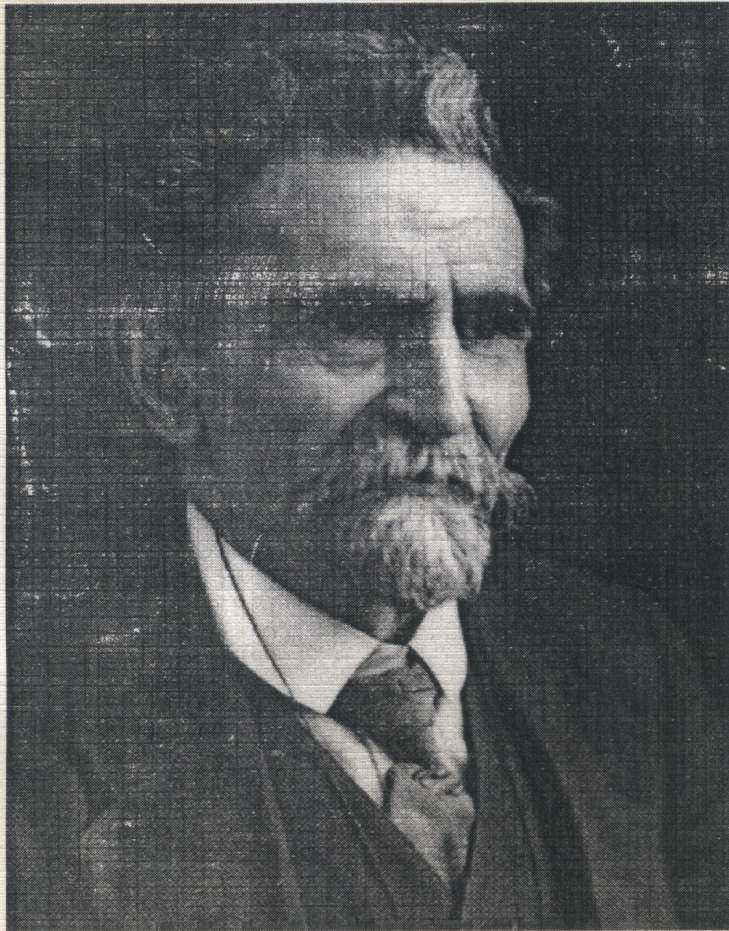


ERRICO MALATESTA

# DOIS TEXTOS DA MATURIDADE



**achiamé**

Biblioteca de Textos Libertários

ERRICO MALATESTA

# DOIS TEXTOS DA MATURIDADE

**achiamé**

Rio de Janeiro



**Robson Achiamé, editor**

Caixa Postal 50083

Rio de Janeiro - RJ - 20062-970

Telefax (0XX21) 544-5552

## APRESENTAÇÃO

Os dois textos que se incluem nesta brochura foram publicados originalmente na revista *Pensiero e Volontà*, dirigida pelo próprio Errico Malatesta, e que veio a público em Roma nos já longínquos anos de 1924 a 1926.

Não é nosso propósito ensaiar aqui uma qualquer apresentação da vida ou da obra de Malatesta. Por isso, queremos tão-só justificar e enquadrar os dois artigos selecionados para este propósito.

Depois de ter regressado à Itália em 1919, após longos anos de exílio, e ter desenvolvido intensa atividade política até o triunfo fascista de 1922 (marcha sobre Roma), Malatesta fica submetido a rígida vigilância policial e com os movimentos manietados, embora em liberdade. Porém, ao contrário do que acontecera várias vezes ao longo da sua vida, Malatesta fica na Itália, escrevendo, principalmente para a revista *Pensiero e Volontà*. Isto não acontece, provavelmente, apenas porque a saúde e a idade o exigiam, mas também porque, após a onda de movimentos revolucionários que desde 1917 não deixara de varrer a Europa, o velho agitador desejava se dar um tempo de reflexão e um posto de observação das mudanças sociais e políticas que, com tanta rapidez, estavam acontecendo.

De fato, sem nunca renegar as suas afirmações passadas, o pensamento de Malatesta acusa, nestes anos, um amadurecimento considerável, evoluindo num sentido mais flexível, analítico e relativista.

Sem abandonar as suas convicções da inevitabilidade de um processo revolucionário, devido à lógica conflitual dos interesses das classes proprietária e trabalhadora, as suas posições revolucionárias tornam-se contudo menos veementes e o seu anarquismo mais humanista. Sem pôr em dúvida a sua identificação com os anarquistas e o movimento anarquista, as suas observações críticas acerca deles parecem mais libertas e cortantes. Sem vacilar quanto à pedagogia libertadora da liberdade, Malatesta parece contudo mais cético quanto à bondade daqueles por quem se bate e muito consciente de, a curto prazo, gritar no deserto.



É que, certamente, as lições das revoluções russa, alemã, italiana, etc. surgiam já com a nitidez suficiente para estancar qualquer veleidade de otimismo quanto às perspectivas próximas de uma revolução social efetivamente emancipadora para as classes subordinadas e de sentido libertário, como era aquela a que aspiravam os anarquistas.

Por estas razões se compreenderá o tom, a forma e o fundo dos artigos de Malatesta, aqui transcritos na íntegra: uma certa exasperação perante a eterna pergunta dos que querem mudar o mundo em três dias, “que fazer?”; o entendimento do que é um processo revolucionário e de qual o papel que nele podem desempenhar os anarquistas; as idéias fáceis acerca da riqueza dos ricos e da partilha justiceira, e os seus perigos; a noção de futuro longínquo e das urgências do curto prazo; os problemas da reorganização da vida econômica e as orientações de princípio propostas; as várias questões de tática e estratégia que dividem os próprios anarquistas – eis os principais temas aqui abordados pelo revolucionário italiano.

É certo que, em muitos aspectos, as formulações de Malatesta e os exemplos apresentados chocam-nos pela noção de um tempo irremediavelmente passado. Certas idéias defendidas com lógica e convicção podem estar ultrapassadas pela simples verificação do progresso ocorrido nos últimos 75 anos. Mas, por outro lado, parecem aqui sobressair os pontos fortes, a essência, do seu pensamento político e social. E perante o desabar do comunismo autoritário, não deixa de ser curioso detectar a antevisão de algumas das suas conseqüências que tão tragicamente viriam depois a receber a plena confirmação dos fatos.

*João Freire*

## A PROPÓSITO DO “REVISIONISMO ANARQUISTA” \*

Escreve-me um companheiro: “Depois do ato de contrição do nº 3, é teu dever dizer-nos claramente quais são os meios práticos a utilizar para fazer a nossa revolução. Só então podemos discutir”.

Um outro pede que eu “me abra”. Outros ainda esperam uma fórmula mágica que resolva todas as dificuldades.

Estranha mentalidade para anarquistas!

Garanto que “ato de contrição” foi coisa que nunca fiz. Posso facilmente provar com documentos que aquilo que agora digo, andei dizendo-o durante anos; e se agora insisto nisso e outros prestam mais atenção do que antes é porque os tempos estão mais maduros, enquanto a experiência persuadiu muitos que antes se compraziam naquele belo otimismo kropotkiniano que eu chamei de “providencialismo ateu” a descer das nuvens e a ter em conta as coisas tal qual elas são, bem diferentes daquilo que gostaríamos que fossem.

Mas deixemos estas recordações históricas de interesse pessoal e vamos às questões gerais e atuais.

Nós, nesta revista, tal como tantos outros companheiros de outras publicações semelhantes, nunca pretendemos ter, pronta e linda, a solução infalível e universal para todos os problemas que nos vêm à cabeça; mas, reconhecida a necessidade de um programa prático, adaptável às várias circunstâncias que possam apresentar-se no desenvolvimento da vida social antes, durante e depois da revolução, convidamos todos os companheiros que têm idéias a expor e propostas a fazer para que contribuíssem para a elaboração do dito programa. Portanto, aqueles que acham que até agora tudo tem corrido bem e que se deve continuar na mesma linha, só têm que defender este seu ponto de vista; enquanto que os outros que, tal como nós próprios, pensam ser necessário preparar-se intelectual

\* Artigo publicado em *Pensicero e Volontà*, Roma, ano I, nº 9, 01/05/1924.



e materialmente para as funções práticas que competem aos anarquistas, esses, em vez de aguardarem passivamente as nossas palavras, deveriam procurar dar a sua própria contribuição ao debate que lhes interessa.

Por mim, eu creio que não há “uma solução” para os problemas sociais, mas mil soluções diversas e variáveis, como diversa e variável é, no tempo e no espaço, a vida social.

No fundo, todas as instituições, todos os projetos, todas as utopias seriam igualmente boas para resolver o problema, isto é, contentar as pessoas, se todos os homens tivessem os mesmos interesses e as mesmas opiniões e se encontrassem nas mesmas condições. Mas esta unanimidade de pensamento e esta identidade de condições são impossíveis e, na verdade, nem seriam sequer desejáveis; e, por isso, na nossa conduta atual e nos nossos projetos de futuro devemos ter presente que não vivemos, nem viveremos amanhã, num mundo povoado unicamente de anarquistas. Pelo contrário, somos e seremos ainda por longo tempo uma minoria relativamente pequena. Isolar-nos não é geralmente possível e, ainda que o fosse, seria em detrimento da missão que nos atribuímos, para não falar do nosso bem-estar pessoal. É preciso, pois, encontrar o modo de viver entre não-anarquistas da maneira mais anarquista possível e com a maior vantagem possível para a propaganda e para a atuação das nossas idéias.

\* \* \*

Nós queremos fazer a revolução porque acreditamos na necessidade de uma mudança radical, que não poderá ser pacífica devido à resistência dos poderes constituídos, na ordem política e na ordem econômica vigente, para criar um novo ambiente social que torne possível aquela elevação moral e material das massas que a propaganda, a educação, é incapaz de conseguir nas circunstâncias atuais. Mas não poderemos fazer uma revolução exclusivamente “nossa”, até porque somos uma pequena minoria,

porque não temos o consenso das massas e não queremos, ainda que o pudéssemos, impor com a força a nossa vontade, para não irmos contra os fins que propomos. Portanto, para sair deste círculo vicioso, devemos contentar-nos em fazer uma revolução que seja o mais “nossa” possível, favorecendo e participando, moral e materialmente, em qualquer movimento que se dirija no sentido da justiça e da liberdade; e, triunfante a insurreição, devemos trabalhar para que a revolução não pare e avance sempre na conquista de maior liberdade e maior justiça. Isto não significa “acomodar-se” aos outros partidos, mas empurrá-los para diante e colocar as massas diante dos vários métodos, a fim de que possam avaliá-los e escolher. Poderemos ser abandonados, traídos, como aconteceu em outras ocasiões; mas é preciso correr o risco se não se quer ficar praticamente inativo e renunciar a contribuir com a força das nossas idéias e da nossa ação para o curso da História.

\* \* \*

Outra observação. Existem muitos anarquistas, dos mais conhecidos e, direi mesmo, dos mais eminentes, que, ou por serem realmente ou por julgarem útil para a propaganda, divulgaram a idéia de que a quantidade de mercadorias produzidas e existentes nos armazéns dos proprietários seria de tal maneira abundante que bastaria dispor livremente desses armazéns para satisfazer amplamente as necessidades e desejos de todos sem que, por longo tempo, devessem preocupar-se com problemas de trabalho e de produção. E, naturalmente, encontraram gente disposta a acreditar neles. Os homens têm demasiada tendência para descansar das fadigas e ignorar os perigos. Tal como os socialistas democráticos encontraram grande consenso nas massas fazendo crer que, para emancipar-se, bastava colocar o voto na urna e confiar a terceiros a própria sorte, também certos anarquistas fascinaram as massas dizendo-lhes que bastaria um dia de luta épica para depois gozarem sem esforço, ou com um esforço mínimo, o paraíso de abundância em liberdade.



Ora, isto é precisamente o contrário da verdade. Os capitalistas produzem para vender com lucro e por isso bloqueiam a produção logo que percebem uma diminuição ou anulação do lucro. Eles têm geralmente mais vantagem em manter os mercados num estado de relativa penúria; prova-o o fato de que basta uma má colheita para as coisas escassearem e faltarem realmente. Pode, pois, dizer-se que o maior dano do sistema capitalista não é tanto o exército de parasitas por ele alimentados, mas sobretudo os obstáculos colocados na produção de coisas úteis. O esfomeado, o mal-vestido fica aturdido quando passa diante dos armazéns transbordando de gêneros de toda a espécie: mas se alguém se mete a distribuir essas riquezas entre todos os necessitados verá quão pouco restaria para cada um!

O socialismo, no sentido amplo da palavra, a aspiração ao socialismo apresenta-se sob a forma de um problema de distribuição diante do espetáculo da miséria dos trabalhadores ao lado da agiotagem e do luxo dos parasitas e como revolta moral contra a patente injustiça social que levou os sofrendores e todos os homens de coração a procurar e a imaginar melhores modos de convivência social. Mas a realização do socialismo – seja anárquico ou autoritário, mutualista ou individualista, etc. – é eminentemente um problema de produção. Quando as coisas faltam, é inútil tentar o melhor modo de distribuí-las e se os homens são levados a lutar entre si por um pedaço de pão, é grande o perigo de que os sentimentos de amor e fraternidade transformem-se em luta brutal pela vida.

Hoje, afortunadamente, os meios de produção existem em grande quantidade. A mecânica, a química, a agricultura, etc. multiplicaram a potência produtiva do trabalho humano. Mas é necessário trabalhar e para trabalhar de forma útil é necessário saber: saber como se deve trabalhar e como se pode economicamente organizar o trabalho.

Se os anarquistas querem agir eficazmente face à concorrência dos diversos partidos, precisam aprofundar, cada um no ramo para que se sente mais inclinado, o estudo de todos os problemas teóricos e práticos do trabalho útil.

Mais. Nós não estamos mais nos tempos e nos países onde bastava a uma família um pedaço de terra, um arado, um punhado de sementes, uma vaca e umas galinhas para viver satisfeita. Hoje as necessidades multiplicaram-se e complicaram-se muito. A desigual distribuição natural das matérias-primas obriga cada aglomerado de homens a ter relações internacionais. A própria densidade da população torna, não só miserável, mas absolutamente impossível a vida do eremita, caso fossem muitos a ter um tal gosto.

Nós temos necessidade de receber produtos de todo o globo, queremos a escola, a ferrovia, o correio, o telégrafo, o teatro, a saúde pública, o livro, o jornal, etc.

Tudo isto, que é o fruto da civilização, bem ou mal, funciona: funciona principalmente com vantagem para as classes privilegiadas, mas funciona; e os benefícios podem, com relativa facilidade, ser estendidos a todos quando for abolido o monopólio da riqueza e do poder.

Queremos nós destruí-lo?

Estamos em condições de imediatamente organizá-lo de maneira melhor?

A vida social, especialmente a vida econômica, não admite interrupções. É preciso comer em cada dia, alimentar as crianças, os doentes, os incapazes; e haverá quem, após ter feito a sua tarefa durante o dia, queira ir ao cinema à noite. Para responder a estas necessidades inadiáveis – deixemos o cinema para depois – é necessária toda uma organização comercial, que cumpre mal, mas de qualquer maneira cumpre, a sua função. É necessário evidentemente utilizá-la, retirando-lhe o mais possível o seu caráter explorador e açambarcador.

É tempo de acabar com aquela retórica – pois não se trata senão de retórica – que procurava encerrar todo o programa anarquista no famoso “destruir”.

Destruir, sim (ou pelo menos tentar), todas as tiranias e todo o privilégio. Recordemo-nos, no entanto, que o governo e o capi-



talismo são somente superestruturas que tendem a restringir os benefícios da civilização a um pequeno número de indivíduos e que, para aboli-los, não se pode prescindir de nenhum setor do engenho e do trabalho humano.

É, pois, bem mais aquilo que é preciso conservar do que aquilo que é preciso destruir.

Achamos que não deveremos destruir senão aquilo que possamos substituir por coisa melhor. E para isso há que trabalhar em todos os ramos para melhorar as coisas e melhorar-nos a nós próprios – recusando-nos, bem entendido, a aceitar e a cumprir qualquer função coerciva.

\* \* \*

Alinhei aqui algumas observações. Farei outras quando a ocasião se proporcionar.

Queiram os companheiros tomá-las na conta que entenderem e, se lhes parecer bem, usem-nas como matéria de discussão.

Mas, por caridade, não esperem de nós a fórmula mágica.

Nós não somos, e não queremos parecer, pais eternos.

## COMUNISMO E INDIVIDUALISMO (Comentários a um artigo de Max Nettlau) \*

O artigo de Nettlau, inspirado como é num enorme espírito de liberdade e de solidariedade e num amor ardente pela causa do anarquismo, merece e exige um comentário.

Nettlau supõe que a razão, ou pelo menos uma das razões por que o anarquismo, depois de tantos anos de propaganda, de lutas, de sacrifícios, não conseguiu ainda atrair e sublevar as grandes massas, reside no fato de que os anarquistas das duas escolas, comunistas e individualistas, têm apresentado a sua respectiva teoria econômica como única solução do problema social, e por isso não têm conseguido persuadir as gentes da capacidade de realização das suas idéias.

Na verdade, eu creio que a razão essencial do nosso escasso êxito é o fato geral de que o ambiente atual, isto é, dadas as condições materiais e morais em que se encontra a massa dos trabalhadores e daqueles que apesar de não serem trabalhadores produtivos são igualmente vítimas da atual organização social, a nossa propaganda só pode ter um alcance limitado, que se reduz a pouco ou nada em certas regiões mais desgraçadas e em certas camadas da população mais atormentadas pela miséria física e moral. E creio que só à medida que o ambiente muda e se nos torna favorável (o que pode especialmente acontecer nos períodos revolucionários e pelo nosso impulso) as nossas idéias podem conquistar um número sempre maior de aderentes e uma possibilidade crescente de realização. A divisão entre comunistas e individualistas pouco influi nisto, porque realmente ela só interessa aos que já são anarquistas e à pequena minoria que está em condições de poder vir a sê-lo.

Mas apesar de tudo isto, é verdade que as polémicas entre individualistas e comunistas freqüentemente têm absorvido grande parte das nossas energias, têm conservado afastados de nós muitos

\* Artigo publicado em *Pensiero e Volontà*, Roma, ano III, n° 4, 1.4.1926.



indivíduos que, se nos tivessem visto todos unidos, teriam sido atraídos pela nossa paixão pela liberdade. E por isso bem faz Nettlau quando prega a concórdia, demonstrando que para haver verdadeiramente liberdade, isto é, Anarquia, é preciso que haja possibilidade de escolha e que cada um possa construir como entenda a própria vida abraçando a solução comunista ou a individualista, ou um grau qualquer ou uma qualquer combinação de comunismo e de individualismo.

Mas Nettlau engana-se, quanto a mim, quando crê que a contenda entre os anarquistas que se dizem comunistas e os que se dizem individualistas se baseia realmente na idéia que cada um faz da vida econômica (produção e distribuição dos produtos) numa sociedade anarquista. No fim de contas, isto são questões relativas ao futuro longínquo; e se é certo que o ideal, a meta última, é o farol que guia, ou deveria guiar, a conduta dos homens, é mais certo ainda que aquilo que determina acima de tudo o acordo ou o desacordo não é o que se pensa fazer amanhã, mas o que se faz e se quer fazer hoje. Em geral, entendemo-nos melhor, e temos mais interesse em entender-nos, com aqueles que percorrem o mesmo caminho que nós, embora dirigindo-se para um lugar diverso, do que com aqueles que, embora dizendo querer andar para onde nós queremos, tomam uma estrada oposta! Por esta razão que os anarquistas das várias tendências, apesar de, no fundo, quererem, todos a mesma coisa, se encontraram na prática da vida e da propaganda em viva oposição.

Admitido o princípio basilar do anarquismo, isto é, que ninguém deveria ter o desejo e a possibilidade de reduzir os outros à sujeição e constrangê-los a trabalhar para ele, é claro que entram no anarquismo todos os modos de vida, e estes somente, que respeitem a liberdade e reconheçam em cada um igual direito de usufruir os bens naturais e os produtos da própria atividade.

Concordam todos os anarquistas que o ser concreto, real, o ser que tem consciência e sente, goza e sofre é o indivíduo, e que a Sociedade, longe de ser qualquer coisa de superior de que o indivíduo é o instrumento e o escravo, não deve ser mais que a

união dos homens associados em vista do maior bem de cada um. E deste ponto de vista poder-se-ia dizer que somos todos individualistas.

Mas para ser anarquista não basta querer a emancipação do próprio indivíduo: é preciso querer a emancipação de todos; não basta revoltar-se contra a opressão: é preciso recusar-se a ser opressor, é preciso compreender os vínculos de solidariedade, natural ou voluntária, que ligam os homens entre si; é preciso amar os próprios semelhantes, sofrer com os males do outro, não se sentir feliz se se sabe que os outros são infelizes. E isto não é questão de sentimentos, ou, como se diz teoricamente, questão de ética.

Dados tais princípios e tais sentimentos, comuns, apesar da diversa linguagem, a todos os anarquistas, trata-se de achar para os problemas práticos da vida as soluções que melhor respeitem a liberdade e melhor satisfaçam os sentimentos de amor e de solidariedade.

Os anarquistas que se dizem comunistas (e eu coloco-me entre estes) o são, não porque queiram impor o seu modo de ver especial ou creiam que fora dele não há salvação, mas porque estão convencidos, até prova em contrário, de que quanto mais irmanados estão os homens e mais íntima é a cooperação dos seus esforços a favor de todos os associados, maior é o bem-estar e a liberdade de que cada um pode gozar. O homem, pensam eles, mesmo se está liberto da opressão do homem, fica sempre exposto às forças hostis da natureza, que ele não pode vencer por si só, mas pode com o concurso dos outros homens dominar e transformar em meios do próprio bem-estar. Um homem que quisesse prover às suas necessidades materiais trabalhando sozinho seria o escravo do seu trabalho. Um camponês, por exemplo, que quisesse cultivar sozinho o seu pedaço de terra, renunciaria a todas as vantagens da cooperação e condenar-se-ia a uma vida miserável: não poderia dar-se períodos de repouso, viagens, estudos, contatos com a vida múltipla dos vastos agrupamentos humanos... e nem sempre conseguiria matar a fome.

É grotesco pensar que anarquistas, embora se digam e sejam comunistas, queiram viver como num convento, submetidos à regra



comum, à refeição e ao vestuário uniformes, etc.; mas seria igualmente absurdo pensar que eles queiram fazer o que lhes agrada sem atender às necessidades dos outros, ao direito de todos a uma igual liberdade. Todos sabem que Kropotkin, por exemplo, que foi entre os anarquistas um dos mais apaixonados e o mais eloqüente propagador da concepção comunista, foi ao mesmo tempo grande apóstolo da independência individual e queria com paixão que todos pudessem desenvolver e satisfazer livremente os seus gostos artísticos, dedicar-se às investigações científicas, unir harmoniosamente o trabalho manual ao intelectual para se fazerem homens no sentido mais elevado da palavra.

Além disso os comunistas (anarquistas, entende-se) crêem que por causa das diferenças naturais de fertilidade, salubridade e posição do solo seria impossível assegurar individualmente a cada um iguais condições de trabalho e realizar, se não a solidariedade, pelo menos a justiça. Mas, ao mesmo tempo, eles notam as imensas dificuldades que há em praticar, antes de um longo período de livre evolução, aquele voluntário comunismo universal que eles consideram como o ideal supremo da humanidade emancipada e fraternizada. E chegam portanto a uma conclusão que poderia exprimir-se com a fórmula: o mais de comunismo que for possível para realizar o mais possível de individualismo, quer dizer: o máximo de solidariedade para gozar o máximo de liberdade.

Por outro lado os individualistas (falo, bem entendido, sempre dos anarquistas), por reação contra o comunismo autoritário – que foi na História a primeira concepção que se apresentou à mente humana na forma de sociedade racional e justa e que tem influenciado mais ou menos todas as utopias e todas as tentativas de realização –, por reação, digo, contra o comunismo autoritário que em nome da igualdade manietta e quase destrói a personalidade humana, têm dado a maior importância ao conceito abstrato de liberdade e não têm reparado, ou não têm insistido nisso, que a liberdade concreta, a liberdade real é condicionada pela solidariedade, pela fraternidade e pela cooperação voluntária. Seria não

menos injusto pensar que eles queiram privar-se dos benefícios da cooperação e condenar-se a um impossível isolamento. Eles compreendem certamente que o trabalho isolado é impotente e que o homem, para assegurar-se uma vida humana e gozar materialmente e moralmente de todas as conquistas da civilização, ou deve desfrutar direta ou indiretamente o trabalho de outros e prosperar sobre a miséria dos trabalhadores, ou associar-se com os seus semelhantes e dividir com eles os pesares e as alegrias da vida. E visto que, como anarquistas, não podem admitir a exploração do homem pelo homem, devem necessariamente concordar que para ser livres e viver como homens é preciso aceitar um grau e uma forma qualquer de comunismo voluntário.

No terreno econômico, pois que é ele que aparentemente divide os anarquistas em comunistas e individualistas, a conciliação depressa se faria lutando conjuntamente para conquistar condições de verdadeira liberdade e deixando depois que a experiência resolvesse os problemas práticos da vida. E então as discussões, os estudos, as hipóteses, as tentativas possíveis hoje e até os contrastes entre as diversas tendências, tudo isso seriam coisas úteis para nos prepararmos para as nossas tarefas futuras.

Mas então por quê, se na verdade sobre a questão econômica as divergências são mais aparentes que reais e em todo o caso facilmente superáveis, por quê esta eterna discórdia, esta hostilidade que algumas vezes se converte em verdadeira inimizade entre homens que, como diz Nettlau, estão tão vizinhos e todos animados das mesmas paixões e dos mesmos ideais?

É que, como disse, a divergência entre os projetos e as hipóteses sobre a futura organização econômica da sociedade desejada não é a razão verdadeira da persistente divisão, a qual pelo contrário é criada e mantida por mais importantes e sobretudo mais atuais dissensões morais e políticas.

Não falarei daqueles que se dizem individualistas anarquistas, e depois manifestam instintos ferozmente burgueses proclamando o seu desprezo pela humanidade, a sua insensibilidade pelas dores dos outros e o seu desejo de domínio. Nem falarei daqueles que se



dizem comunistas anarquistas, e depois no fundo são autoritários que crêem possuir a verdade absoluta e se atribuem o direito de impô-la aos outros.

Comunistas e individualistas têm freqüentemente praticado o erro de acolher e reconhecer como camaradas alguns indivíduos que só têm de comum com eles alguma expressão verbal e alguma aparência exterior.

Quero falar daqueles que considero verdadeiros anarquistas. Estes estão divididos a respeito de muitos pontos de importância real e atual, e classificam-se de comunistas ou individualistas, geralmente por tradição, sem que as coisas que realmente os dividem tenham nada que ver com as questões respeitantes à sociedade futura.

Entre os anarquistas há os revolucionários, que crêem que é preciso com a força abater a força que mantém a ordem presente para criar um ambiente em que seja possível a livre evolução dos indivíduos e das coletividades, – e há os educacionistas, que pensam que só se pode chegar à transformação social transformando primeiro os indivíduos por meio da educação e da propaganda. Há os partidários da não-resistência, ou da resistência passiva, que rejeitam a violência mesmo quando sirva para repelir a violência; e há os que admitem a necessidade da violência, os quais por sua vez se dividem quanto à natureza, ao alcance e aos limites da violência lícita. Há discordâncias a respeito da atitude dos anarquistas perante o movimento sindical; discordâncias sobre a organização, ou não-organização própria dos anarquistas; discordâncias permanentes, ou ocasionais, sobre as relações entre os anarquistas e os outros partidos subversivos.

É sobre estas e outras questões do mesmo gênero que devemos procurar entender-nos; ou se, como parece, o entendimento não é possível, devemos saber tolerar-nos: trabalhar conjuntamente quando se está de acordo e, quando não, deixar que cada um faça como crê sem criar-lhe dificuldades.

Pois que, bem ponderadas todas as coisas, ninguém pode estar absolutamente seguro de ter razão e ninguém tem sempre razão.